

# [RELATO DE EXPERIÊNCIA: A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA E A DESCOBERTA DA PEDAGOGIA DO DISPOSITIVO E INVENTAR COM A DIFERENÇA]:

[Rodrigo Luiz Martins]<sup>1</sup>

[Dra. Luiza Mader Paladino]<sup>2</sup>

## RESUMO

Este relato de experiência narra minha participação, em 2024, na Oficina Cinema, Educação e Direitos Humanos, realizada em Brasília e em Goiânia. Essas vivências foram significativas e proporcionaram um espaço potente de criação e experimentação de dispositivos práticos voltados para o trabalho com o audiovisual em contextos educacionais. O objetivo deste trabalho é relatar o período das oficinas, evidenciando as práticas com dispositivos de criação e seus desdobramentos. A pesquisa bibliográfica se apoia no uso de conceitos, como a pedagogia do dispositivo e o inventar com a diferença, categorias que me ajudaram a compreender, aprofundar e ressignificar a experiência vivida nas oficinas e na minha jornada como licenciando em Educação Profissional e Tecnológica. Além disso, busca-se refletir e incentivar suas potencialidades pedagógicas no contexto da EPT, promovendo uma maior aproximação entre cinema e educação.

**Palavras-chave:** cinema e educação; pedagogia do dispositivo; inventar com a diferença; oficinas de audiovisual; educação profissional e tecnológica; EPT.

## ABSTRACT

This experience report narrates my participation, in 2024, in the workshop Cinema, Education, and Human Rights, held in Brasília and Goiânia. These experiences were meaningful and offered a powerful space for creation and experimentation with practical tools aimed at working with audiovisual media in educational contexts. The objective is to recount the workshop period, highlighting the practices involving creative tools and their developments. The bibliographic research is grounded in concepts such as the pedagogy of the dispositif and inventing with difference, categories that helped me understand, deepen, and reframe the lived experience during the workshops and throughout my journey as an undergraduate student in Professional and Technological

---

<sup>1</sup> Licenciando em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal de Ciência, Tecnologia e Educação de Brasília — Campus Samambaia. Especialização em Cinema e Linguagem Audiovisual - Universidade Estácio de Sá. Tecnólogo em Curso Superior em Tecnologia em Produção Audiovisual Centro Universitário Icesp. E-mail: rodrigo.martins@estudante.ifb.edu.br

<sup>2</sup> Doutora em Estética e História da Arte pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte na Universidade de São Paulo e professora do Instituto Federal de Brasília, Campus Samambaia.

Education. Furthermore, this work seeks to reflect on, advocate for, and encourage the pedagogical potential of these practices in diverse educational settings, promoting a closer connection between cinema and education.

**Keywords:** Cinema and education; Pedagogy of the dispositif; Inventing with difference; Audiovisual workshops; Vocational and Technological Education

Data de aprovação: 11/12/2025

## 1 INTRODUÇÃO

Em 2022, logo depois de finalizar o curso técnico em produção de áudio e vídeo pelo Instituto Federal no Campus Recanto da Emas, soube da possibilidade de um curso de complementação pedagógica para ampliar minha trajetória como tecnólogo não licenciado em produção audiovisual e possibilitar a docência em formações técnicas na área de audiovisual, curso em plena expansão em diversos espaços formativos.

O Curso de Licenciatura em Educação Profissional (LEPT) teve seu início no primeiro semestre de 2015 no campus Samambaia. Essa criação da LEPT segue a proposta de formação pedagógica para graduados, em nível de licenciatura, para os docentes bacharéis e tecnólogos dentro de um período de integralização de quatro semestres.

Durante a formação em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) ampliei minha conexão e estudos na perspectiva do cinema e educação. Em especial, nos primeiros dois semestres da licenciatura, explorei os componentes curriculares sobre temas transversais da prática pedagógica: Mulher, Trabalho, Educação e Sociedade, Educação Profissional e Ensino Médio e Educação Inclusiva. Lecionadas pelas docentes, Mônica Luciana Silva Pereira e Andrea de Faria Barros Andrade, com a leitura de trabalhos acadêmicos.

Esse estímulo dos docentes da EPT orientados pelo projeto pedagógico do curso e sua matriz curricular, orientou a pesquisa como princípio educativo e possibilitou conhecer experiências de cinema dentro de sala de aula, como: Modos de Endereçamento (2001) e Hipótese-Cinema (2008).

Esses conceitos possibilitam conectar meu trabalho como instrutor de audiovisual e iniciar uma possível organização sobre minha busca como educador, orientação que foi especialmente oportunizada pelos docentes do curso ao permitirem que nossos trabalhos de pesquisa abrangessem nossa área de formação.

Esse campo da educação que perpassa o audiovisual modificou meu pensamento e saber sobre a existência da pesquisa na América do Norte da professora Elizabeth Ellsworth (2001), que direciona como os filmes assim como as cartas, os livros, os comerciais de televisão, são feitos para alguém, me permitiu compreender como eles visam e imaginam determinados públicos. Todo filme está endereçado, mas será que o docente consegue entender e identificar esse direcionamento? Pode ser uma conexão que apenas ele teve com o discurso do filme e seus estudantes, talvez, não sejam aquele público que vai identificar o que o professor espera que vejam, nesse modo de endereçamento o destinatário não foi encontrado.

Além disso, há a proposta teórico-metodológica organizada pelo escritor e cineasta Alain Bergala (2008), que aborda em seus trabalhos as possibilidades de pensar e repensar pedagogias do cinema nos espaços de educação formal e ainda destacar o criativo e a criticidade dos estudantes.

Bergala conseguiu uma repercussão em seu trabalho como conselheiro de cinema no Ministério da Educação Nacional e Juventude na França, onde incorporou

um projeto com artes na educação formal. Esse importante projeto “Plano de Cinco Anos para as Artes e a Cultura”, pensado no início dos anos 2000, pelo ministro Jack Lang, encontrou na parceria com Bergala uma maneira para pensar o fazer e ver cinema desde os anos iniciais da educação.

Em seu ensaio Hipótese-Cinema (2008), Bergala menciona que o cinema pode ser pensado em sala de aula não apenas com única função de produto fílmico de exibição para preencher hora-aula e ou no simples corroborar com uma temática dada pelo docente. O que me faz refletir que o cinema possibilita muito mais e sem ser didático, conseguindo quando analisado com metodologia comunicar sobre uma realização cinematográfica que perpassa por distintas etapas criativas até ser finalizado, oportunizando o entendimento sobre os processos de todo realizar artístico, estético e ético. Ele ainda descreve:

...que o filme não pode ser o objeto, mas uma marca final de um gesto de criação, cinema como processo criativo. Arte que possibilita inúmeros estímulos aos docentes e estudantes. A tela fílmica com suas camadas e planos, como a pincelada do pintor pelo qual se pode compreender um pouco do processo de criação. (Bergala, 2008, p. 33-34).

Depois que descobri os estudos de Bergala (2008) e Ellsworth (2001), busquei sobre cinema e educação para meu recorte, no meu interesse de trabalho, com exibições em cineclubes, em inúmeras oficinas de realização audiovisual, amparado nas intuições e improvisos pedagógicos dentro das escolas, orientados pela própria experiência dos anos de estudos e pesquisas na área. Dentro de sala de aula, exibir/ver um filme ou um vídeo não poderia mais ser uma atitude impensada, e como mencionado por Ellsworth, não deveria pensar apenas no meu endereçamento, precisava entender os reais motivos dessa condução do áudio e vídeo dentro da escola, dentro da sala de aula.

Com a possibilidade formativa de um licenciando em EPT, encontrei respaldo nas leis e nas diferentes teorias da educação que antes pareciam distantes. Paulatinamente fui encontrando proximidade nas propostas de educação e cinema, seguindo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, que é a legislação que define e regulamenta o sistema educacional brasileiro, seja público ou privado. Esta legislação foi criada com base nos princípios presentes na Constituição Federal, que reafirma o direito à educação desde a educação básica até o ensino superior.

Na LDB, o Artigo 26. parágrafo 8º descreve sobre a necessidade de exibição de filmes de produção nacional que diz: “que se deve constituir componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais” (Brasil, 1996.). A Lei entrou em vigor dia 26 de junho de 2014 com o número 13.006 sobre o reconhecimento artístico e cultural da arte cinematográfica brasileira para a educação. Na realidade da maioria das escolas e ou das salas de aulas ainda é preciso que sejam adaptadas para uma melhor experiência do ver produtos audiovisuais, melhorar a ambientação do espaço para ampliar a experiência da imagem e do som.

Depois de todas essas experiências de exibições dentro das escolas, fiquei instigado em práticas que não fossem ancoradas nos aparatos tecnológicos, principalmente porque alguns espaços educacionais não acessaram esses equipamentos. Seguindo minhas pesquisas, enfim, encontrei um diversificado

material fornecido gratuitamente orientado por práticas formativas com audiovisual, uma significativa aproximação com a produção do cinema possível, linguagem cinematográfica efetivamente acessível que sempre fui instigado em repassar nas minhas práticas.

## **A EXPERIÊNCIA**

O relato segue com o objetivo de descrever as oficinas de Cinema, Educação e Direitos Humanos e a experiência catártica que possibilitou um repensar sobre as realizações audiovisuais que estava habituado a reproduzir. Também, escrevo sobre as práticas dos tais dispositivos pedagógicos junto ao grupo de participantes, suas adaptações, seus desdobramentos e possibilidade de replicação.

Anteriormente à minha participação na oficina que consta no relato desse trabalho, falar de DISPOSITIVO era dizer do aparato tecnológico. Nesse aspecto Soares (2016, p.84), chamava literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Para pensar o modo como o audiovisual vem operando em nossas pesquisas nos/com os cotidianos das redes educativas tecidas dentro-fora das escolas, proponho tomá-lo como um dispositivo. Posteriormente a minha participação, o dispositivo ganhou outro sentido, possibilidade e propósito.

Assim, desejo instigar uma reflexão sobre o uso do audiovisual em diferentes contextos educacionais, sugerindo o debate sobre cinema e educação, principalmente, nas formações pedagógicas, assim como disse Nogueira: “o processo pelo qual o indivíduo se conecta com o mundo da cultura, mundo esse entendido como um espaço de leituras e interpretações do real, concretizado nas artes, música, teatro, dança, cinema, artes visuais e literatura” (2008, pág. 32). Arte é conhecimento e o professor em formação precisa ser atravessado por essas experiências das artes, principalmente pelo audiovisual.

## **METODOLOGIA**

Neste relato de experiência uso a escrita em 1º pessoa, com descrição das minhas experiências anotadas dos procedimentos de pesquisa enquanto discente em EPT e participante/vivência nas oficinas de Cinema, Educação e Direitos Humanos.

Como mencionado por Grollmus e Tarrés (2015), o relato de experiência deve ser “orientado pelo conhecimento que o relato de experiência pode transmitir com aporte científico. Por isso, o texto deve ser produzido na 1ª pessoa, de forma subjetiva e detalhada.” (GROLLMUS; TARRÉS, 2015, p. 6). Essa forma de narrativa possibilita que o autor expresse acontecimentos vividos e, simultaneamente, estabeleça um diálogo com saberes teóricos que conferem à experiência uma contribuição reflexiva e científica.

Os principais referenciais teóricos deste relato são os autores do projeto Inventar com a Diferença, especialmente os que contribuíram com os Cadernos do

Inventar com a Diferença: Cinema, Educação e Direitos Humanos (2014), organizados em coletivo pelo corpo docente - Cezar Migliorin, Isaac Pipano, Luiz Garcia, India Mara Martins, Alexandre Guerreiro, Clarissa Nanchery e Frederico Benevides. Suas contribuições são fundamentais para o desenvolvimento da proposta pedagógica conhecida como pedagogia do dispositivo direcionada para educadores e estudantes, que busca deslocar práticas educativas tradicionais, promovendo possíveis criações áudio e vídeo a partir do encontro com o outro, com ao redor e com a diferença.

Diante da característica principal do relato de experiência, esta produção do conhecimento tem aproximação com os estudos descritivos, visto que descreve fenômenos a partir de possíveis estabelecimentos de relações da ação (GIL, 2008). Nesse sentido, este relato contempla observações objetivas e subjetivas, sentimentos e impressões que emergiram durante o processo vivenciado, conduzindo uma escrita que integra a experiência e a reflexão crítica.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

Anterior à descrição e reflexões do meu relato sobre a vivência da Oficina Cinema, Educação e Direitos Humanos, primeiro apresento as principais referências metodológicas: Pedagogia do Dispositivo (2013) e Inventar com a Diferença (2014) que conduziram essas experiências formativas.

### **1. Pedagogia do Dispositivo**

A metodologia da Pedagogia do Dispositivo foi desenvolvida no ano de 2013, depois de um convite da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, pelo projeto Inventar com a Diferença: cinema, educação e direitos humanos, no KUMÃ – Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Imagem e Som, criado em 2009 dentro do Instituto de Artes e Comunicação Social (IACS) da Universidade Federal Fluminense–UFF, onde sua principal proposta é o compartilhar de dispositivos de criação com o audiovisual para uso em contextos educativos.

A noção de dispositivo vem de certas experiências da arte e do cinema ao longo da história e, mais recentemente, das apropriações feitas dentro da própria linguagem audiovisual e educação. De acordo com Migliorin (2016), o conceito se trata de:

Dispositivos são exercícios, jogos, desafios com o cinema, um conjunto de regras para que o estudante possa lidar com os aspectos básicos do cinema e, ao mesmo tempo, se colocar, inventar com ele, descobrir sua escola, seu quarteirão, contar suas histórias. Há dois modelos de dispositivos, aquele com equipamento de filmagem e gravação de som e aquele sem equipamento. (MIGLIORIN et al., 2016, p. 14).

Sendo assim, pode-se dizer que em um primeiro contato poderíamos limitar como a descrição de um regulamento de criação ou possíveis limitadores, gerar no gesto de criação uma situação de crise mas estabelecendo a práxis da realização, logo evidenciamos como o dispositivo está mais conectado como um molde, uma possibilidade recorte de espaço e tempo que amplia a autonomia no realizar, possibilitando inúmeras adaptações e combinações de processos criativos com o audiovisual.

As oficinas Cinema, Educação e Direitos Humanos que compõem o relato de experiência e suas práticas foram estabelecidas e descritas pela pedagogia do dispositivo, a partir das ideias delineadas por Migliorin et al.:

- O GRUPO. A pedagogia do dispositivo se faz essencialmente em grupo. As invenções e processos devem ser coletivas. Sendo esse coletivo uma possibilidade de compartilhar e interações que alteram as centralidades e geram horizontalidades.
- CULTURA CINEMATOGRAFICA. O que sabemos de cinema possibilita reproduzir um dispositivo e considerar suas adaptações. O trabalho com dispositivos parte de uma máxima: todos podem fazer cinema. Mesmo na ausência de tantos aparatos do cinema ou conhecimento técnico e da linguagem fílmica se pode criar uma concepção de cinema.
- SÓ HÁ CERTO. Um plano está entre o ligar e desligar da câmera e para começar o realizar do cinema, basta um plano. Seguindo alguns poucos passos possibilitados pelo dispositivo só existe o acerto.
- PLANOS, PLANOS, DESVIOS. Poder olhar e escolher com responsabilidade o que está dentro do quadro gravado pelo smartphone. Com a prática do dispositivo decidimos sua duração, sua permanência e o que podemos compartilhar. Decidir depois de um plano qual será o próximo faz parte da prática e aprendizado.
- DESTEXTO. Primeira a imagem, com essa fuga das normas, evitamos de certa hierarquia de etapas da maneira de gravação do que conhecemos como linguagem cinematográfica e suas principais formalidades. No processo da captação audiovisual seguindo a pedagogia do dispositivo podemos gravar algo sem um roteiro escrito.
- DOCUMENTAR. O dispositivo possibilita a integração do produzir com o representar, aqui o documentário é importante. Perceber contextos antes do Ligar e desligar da câmera, pode gerar uma criação que representa muito do nosso mundo.
- NÃO TEMA. Deixa o sensível, siga seu escutar e ouvir antes de elaborar muito sobre o que captar, sem um tema, apenas seguindo uma fluidez de sentimentos, hiper organização da imagem no cinema pode ir perdendo sua opacidade e outro acontecimento imagético acontece. Na pedagogia do dispositivo, pensar em temas pode servir de disparador e também possibilitar um sentimento mobilizador de novas imagens.
- POLÍTICA DO ESBARRÃO. Em uma gravação pode acontecer de sermos atravessados por interferências que ampliem o acaso. E isso pode ser bom, a presença de um som inesperado, uma ação, um outro ponto de vista e entre outros, pode ampliar o que acreditávamos sobre aqueles objetos, espaços, naturezas onde essas interações possibilitam imagens e sons não domesticados. (MIGLIORIN et al., 2022, p. 49,51,52 53)

A Pedagogia do dispositivo está delineada nestes oito pontos que norteiam as realizações ao mesmo tempo pautada mais por intensidades e experiências de criação do que por acúmulo de saberes. Segundo Migliorin et al. (2022, p.47):

A pedagogia do dispositivo significa retirar o cinema como fim e colocar suas possibilidades e potências em circulação com as coisas do mundo e os

próprios sujeitos engajados com seu fazer. Não existe imagem de um lado, mundo de outro, como se este se apresentasse pronto para torna-se, a cada exercício, filme e experiência.

Mencionado essa metodologia, o livro “Modos de fazer e experimentar: cinema e educação” também pontua como os movimentos que fazem os próprios seres em suas formas de estarem juntos, e que os coloca em espaços e tempos comuns, são anteriores aos saberes. A pedagogia se distancia assim da ideia de uma ordem de transmissão – de um saber ou saber ser – e se aproxima de um emaranhado produtor de realidade.

## 2. Inventar com a diferença.

A partir da experiência dos cadernos do inventar, publicação que agrupa as diretrizes e disparadores da metodologia do “Inventar com a Diferença: cinema, educação e direitos humanos” pesquisada por Cezar Migliorin, segue-se um fluxo de introduzir as realizações dos dispositivos.

O projetado é realizado pelo Departamento de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense (UFF-Niterói) e busca compartilhar com os participantes dispositivos de criação com imagens e sons, enquanto exercícios do olhar e da escuta, e como forma de se relacionar com o outro, com o território e com o mundo de um modo prático e sensível. Essa metodologia não busca ser definidora sobre os modos de uma ação educadora, mas uma possibilidade de colaborar com a criação de metodologias e processos direcionados e disponibilizados à diversidade de educadores, ampliando a autonomia suficiente para definir suas práticas e estabelecer suas próprias dinâmicas no campo da educação.

Metodologicamente o “CADERNOS DO INVENTAR” inserem pontos de destaque que permeiam a possibilidade de realização dos dispositivos, ainda estabelece que toda a condução desse processo tenha a imagem como ponto de início, com educadores e educandos inventando juntos. Como descrito por Migliorin (2022), os atravessamentos que o cinema amplia com singularidade e intensidade, onde o material criado busca compartilhar saberes e práticas para que todos aqueles interessados em levar o cinema e os direitos humanos para a educação possam fazê-lo mesmo que não tenham qualquer experiência com as técnicas ou a linguagem audiovisual.

Os setes pontos destacados são:

- **CENA DE EMANCIPAÇÃO.** O criativo e a criação entram em contato com o cotidiano do lugar da oficina, construção de novas narrativas e referências artísticas, sendo capaz de agir na representação da comunidade.
- **DESCOBERTA DE UM TERRITÓRIO.** Em uma curiosa conversa e ou caminhar por espaços podem possibilitar experiências com a comunidade vivente daquele lugar. O olhar atento para os espaços que nos rodeiam, os detalhes e os sujeitos do dia a dia, explorar o cotidiano a partir de novas perspectivas e descobrir novos lugares. Possibilitando ainda um refletir sobre as histórias, as tradições, os valores, os moradores e sobre o próprio existir.

- **ENGAJAMENTO NO CONHECIMENTO.** O participante conectado e com comprometimento sobre aprender e produzir e com um sentido ético em relação a essa construção e relação com a comunidade e audiovisual. Colocar o aluno participante como protagonista do processo de realização. Colaborando no pesquisar, perguntar, conversar para explorar outras perspectivas. Um participante conectado e com comprometimento sobre aprender e produzir e com um sentido ético em relação a essa construção e relação com a comunidade e audiovisual.
- **INQUIETAÇÃO E REVOLTA.** Ver, dizer e sentir, sendo possível pela inquietação do saber e conquista artística. Essa conquista de uma liberdade artística e de enfrentamento pode gerar quebra de expectativas. Possibilidades, discursos e entendimento, evidenciando um novo interpretar sem rigidez anterior sobre objetos e símbolos de uma comunidade.
- **FAGULHA DE IGUALDADE.** As trocas de posições, o processo sendo horizontal sem a hierarquização comum em um espaço de educação. Todos podem conceber e contribuir sobre o espaço de aprendizado. Elevando conexões criativas e saberes em um espaço de encontro que multiplicam as potências e contribuem com as inventividades.
- **DESCOBERTA DE UMA POTÊNCIA CRIATIVA.** Não existe roteiro cinematográfico para a criação de um dispositivo. Existem potências nas diversas vozes participantes. Essa diversidade de vozes, suas variadas visões ampliam o desconhecido do processo criativo, geram improvisos e adaptações.
- **ABERTURA À DIFERENÇA EM UM PROCESSO SUBJETIVO.** Já foram mencionados a importância da diversidade de pontos de vista. Visões e escutas distintas sobre uma posição de mundo, espaços e territórios. A metodologia dos Cadernos do Inventar e a construção dessas premissas buscam também oposições de ideias e ainda reflexões. Não sendo um manual ou regulamento para serem seguidos, colocando as percepções e certezas não mais estabelecidas. O envolvimento com a arte pode ampliar essas expressões de produção e os diversos dispositivos de criação precisam desses contrastes em suas realizações. (MIGLIORIN, C. et al. 2022, p.15-17).

Esses sete pontos levantados pelo livro Cadernos do Inventar possibilitam exercitar os dispositivos e estabelecer conexões entre professores e alunos. Sem esquecer-se de integrar a escola e o território. Os dispositivos em seu tempo de prática possibilita ser trabalhado em uma aula de oficina com os participantes, o mesmo que uma ou duas horas-aula, em média com duração de cinquenta minutos cada. Naturalmente possibilitando variações em função do tempo disponível, o número de participantes, dinâmica e condução da atividade, entre outras orientações. Decisões que a própria prática viabiliza e estabelece.

## **OFICINAS**

Programada no ano de 2024 para ocorrer em todos os estados brasileiros e na capital federal, a Oficina Cinema, Educação e Direitos Humanos teve sua organização

voltada para trabalhadores da educação, da saúde mental e das artes, interessados nas relações possíveis entre cinema, educação e direitos humanos.

Sendo uma proposta pedagógica de formação de oficinairos e replicação por parte dos participantes, no ano de 2024 foram realizadas três etapas, formação dos oficinairos, oficinas para os participantes, sendo a terceira etapa a possibilidade de replicação do método em seus respectivos campos profissionais, onde houve a oportunidade de testemunhar desdobramentos nos diversos contextos sociais onde atua o público da oficina. As oficinas aconteceram no Instituto Federal, campus Goiânia e com apoio do campus Recanto das Emas no DF. Com carga horária total de nove horas, distribuídas em três encontros presenciais, ambas aconteceram no mês de setembro daquele ano.

Descrevo a formação dos mediadores por serem professores do Instituto Federal realizando essas ações formativas em audiovisual. A mediação do professor Rafael Borges, docente do Instituto Federal de Goiás (IFG), mestre e doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG), com atuação nas áreas de História das Américas, Ensino de História e Cinema e História.

Em Brasília, a mediação esteve sob a responsabilidade dos professores Pedro Beiler Garcia, realizador, educador, produtor e pesquisador. A professora Luiza Rossi Campos é doutoranda em Comunicação e Sociedade pela Universidade de Brasília (PPGCOM/FAC/UnB) e mestra pela mesma instituição, com pesquisa dedicada à Mostra Cinema e Direitos Humanos.

## **RELATOS**

### *Oficina Cinema, Educação e Direitos Humanos em Goiânia*

Sobre o primeiro dia, o encontro aconteceu em dezessete de setembro de 2024, noturno. No auditório do campus do Instituto Federal de Goiânia, aproximadamente 20 pessoas, a maioria sentada olhando em volta, mexendo no celular e esperando o início. Tivemos as apresentações oficiais do projeto, que estava ligado ao evento da 14ª Edição da Mostra Cinema e Direitos Humanos, presente nos vinte e seis estados mais no Distrito Federal.

Depois dessas apresentações iniciais, já esperava que os participantes, os inscritos, também tivessem que vivenciar o momento da apresentação. O que aconteceu foi um pedido pelo mediador do nosso nome e local de origem. Nas apresentações percebi que parte do grupo eram docentes e docentes em formação. Logo chegou minha vez: Olá, sou Rodrigo e vim de Brasília. Rápida apresentação e logo fomos para a explicação de como seria o primeiro dispositivo para realizarmos. Esse momento de escuta inicial insere o primeiro item de como a pedagogia do dispositivo se faz essencialmente em grupo. As invenções e processos devem ser coletivos. Sendo esse coletivo uma possibilidade de compartilhar e interações que alteram as centralidades e geram horizontalidades.

O professor mediador explica sobre o dispositivo escolhido para iniciarmos, descreve como foto memória narrada: eu-outro, memória oral. Agora são formadas

duplas, apresentaríamos para esse desconhecido. O mediador fez questão de pedir para que encontrássemos uma pessoa que não conhecíamos. No meu caso foi fácil, realmente não conhecia ninguém naquele espaço. Juntei com um outro rapaz que estava sentado na última fileira. Perguntamos o nome um do outro de maneira protocolar e começamos a descrição das fotografias, buscando pela memória.

Descrever uma foto pode parecer um exercício simples, mas uma das indicações do dispositivo era que fosse uma fotografia importante. Lembrei-me de uma foto que foi realizada no início dos anos 90. Era ainda fotografia feita em filme fotográfico, com número limitado de poses e que precisava ser revelado em laboratórios especializados.

No registro estava eu e minha mãe na frente de um portão da garagem de uma casa que moramos na Asa Norte em Brasília. Sutis sorrisos em nossos rostos. Descrevi ainda, que minha mãe estava de vestido bege com estampa e o pequeno Rodrigo vestindo bermuda, camisa e chinelo.

A descrição da foto da minha dupla foi mais complexa, não pela foto que foi feita com um celular, mas todo o contexto e sentimento que esse registro inferia. A história seguiu essa descrição: o pai dele estava internado em um hospital, em um momento de conversa entre o pai e o filho, o filho comentou que o celular do pai tinha uma câmera, poderia então ser utilizado para uma fotografia.

O pai que nunca tinha utilizado a tal câmera do aparelho, na verdade não sabia dessa possibilidade, não acreditou. O filho mexeu no celular e mostrou para o pai. Na foto estava o pai deitado na maca e o filho ao seu lado, uma foto estilo selfie. O pai, enfim, acreditou que o seu celular conseguia tal funcionalidade. O registro da foto ficou armazenado no celular e o pai em um período depois faleceu. Com o passar do tempo, esse registro no aparelho acabou sendo perdido.

Logo após contarmos sobre nossas fotos memórias escolhidas um para o outro, teríamos que apresentar para o grupo falando em primeira pessoa sobre a descrição das fotos, com uma distinção nessa dinâmica: cada dupla formada tem que apresentar sobre a foto do outro, tornando a da outra pessoa sua história, descrevendo em primeira pessoa no momento de apresentar para o coletivo.

Esse dispositivo foi uma adaptação de Fotografias Narradas, página 32, do Cadernos do Inventar. Segue a descrição que guia esse dispositivo: O que? Filmar alguém narrando. Por que? Descobrir um pouco da história de um vizinho, de um parente, de um funcionário da escola. Criar um inventário da memória da comunidade retratada atentando também para as fabulações que as pessoas fazem de si mesmas.

As apresentações possibilitaram um momento de catarse coletiva, memória oral, construções imagéticas de rápidas conexões com o público presente. Essas apresentações estavam carregadas de memórias e sentimentos, as apresentações das duplas demonstraram individualmente uma responsabilidade em contar sobre a foto e foi construída rapidamente uma sensação de intimidade com aquelas histórias contadas.

Esse sentimento foi gerado por empatia e visualidades nas descrições de histórias familiares que lembram nossas dores ou alegrias, foi um momento de compartilhar e de identificação. Algo foi mudado, e em pouco tempo aquelas pessoas no auditório já não eram mais as mesmas que estavam conectadas com suas individualidades, um sentimento de coletividade foi criado.

Esse processo de apresentação guiada pela imagem, por uma foto como ponto de partida, nos possibilitou refletirmos sobre a possibilidade narrativa e visual de uma lembrança que está dentro de um recorte, de um plano delimitado. Essa apresentação do grupo lembrou as inúmeras primeiras aulas que enfrentamos o momento ainda desconhecido, onde o professor busca uma conexão rápida entre os alunos, algo diferente ocorreu nesse primeiro dia de oficina.

O segundo dia, dezoito de setembro. Momento de utilizar o smartphone para captar imagens. O dispositivo escolhido foi “Lá longe, aqui perto”. (Pág. 30 Cadernos do Inventar) Em sua breve explicação do Por quê? Fazer do cinema uma maneira de conhecer e se aproximar de pessoas com as quais nunca se teve qualquer relação.

Atentar para movimentos, gestos e formas de ver. Pensar quais são os desafios criados pela presença da câmera no contato com o outro.

Os participantes poderiam utilizar todo o espaço do campus. A maioria das pessoas escolheram o grande pátio entre os blocos com as salas de aula, nesse local havia bancos e árvores, as gravações com os celulares foram realizadas. Novamente em dupla preferimos ir para um espaço com duas grandes rampas que acessam o térreo com o primeiro andar.

Nessas rampas teríamos que reproduzir três planos de cinema, as demandas do dispositivo: gravar a pessoa da nossa dupla produzindo plano cinematográfico muito longe, um plano cinematográfico intermediário e um plano cinematográfico muito perto. Durante a realização desse último plano muito perto, devemos sem interromper a gravação, entregar o aparelho a pessoa que estava sendo gravada. Mudando o ponto de vista: quem registrava agora está sendo registrado. Colocando os dois participantes dentro do dispositivo.

Antes da prática do dispositivo “Lá longe, aqui perto”, já explicava o que seria esse tal plano Cinematográfico, tudo que decidimos com o olhar e escolhemos colocamos entre o ligar e desligar da gravação da câmera. O que está contido nessa nossa decisão em registrar é o plano.

Poderia agora conceituar sobre o plano cinematográfico, falar sobre David Wark Griffith (1875-1948) que é considerado um dos fundadores do cinema americano do norte e um dos primeiros realizadores a padronizar e nomear os enquadramentos. Só que a ideia da pedagogia do dispositivo é possibilitar uma aproximação e também um afastamento da força do cinema como indústria cultural de entretenimento. Possibilitar esse rompimento com a hegemonia da arte cinematográfica é uma busca, pensando na possibilidade dentro de sala de aula, essa noção de quebra é funcional, não precisamos de todo um aparato para a construção desse filme, o celular é uma possibilidade de conceber o processo de criação artística.

Os dispositivos e suas dinâmicas possibilitam desmistificar a produção audiovisual, colocando uma responsabilidade sobre a escolha do olhar, criticidade sobre o que podemos deixar de fora do quadro gravado ao posicionarmos o aparato de captura de imagem/som. Com essa prática do dispositivo decidimos sua duração, sua permanência e o que podemos compartilhar nossa decisão de enquadramento e assim seguir para a construção do próximo plano capturado.

Possibilita ainda mencionar sobre o pensamento da metodologia do Inventar com a diferença, que reflete sobre a precariedade do realizar, por não ser uma preocupação com a formalidade técnica da produção cinematográfica.

Essa tal precariedade em relação da criação audiovisual, revela-se uma maneira do coletivo pensar propostas para um dispositivo de criação, podendo utilizar a memória, a oralidade, o olhar por recortes de molduras de papel, o caminhar em seu espaço escolar, o juntar histórias diversas em um mesmo espaço de encontro e poder criar um plano utilizando um smartphone que consiga acessar um aplicativo de captura de imagem e áudio. São tantas estratégias e adaptações possíveis que a pedagogia do dispositivo vai sendo ampliada a cada encontro, a cada oficina e a cada realizar de dispositivo.

No último dia da oficina, foi pedido para enviarmos pelo whatsapp criado também como repositório das atividades dos dispositivos, uma gravação com um plano de trinta segundos inspirados pela temática Direitos Humanos e ainda para completar a tarefa do dia, deveríamos gravar um áudio com trinta segundos de uma pessoa que respondesse a pergunta: O que você entende por Direitos Humanos?

Foi criado um mural na plataforma online padlet.com onde todos participantes poderiam acessar as abas com os dispositivos realizados na oficina e disponibilizado abas com materiais bibliográficos, páginas da plataforma YouTube e ainda o mural da oficina realizada no ano anterior do IFG, campus Goiânia

Importante mencionar como todo esse material audiovisual que produzimos gravado, organizado e também o conteúdo cedido pelos mediadores voltou ao espaço da sala de aula para ser comentado e refletido pelos participantes, viabilizando debates sobre os processos do fazer, pensar criativamente e como poderíamos incorporar esses aprendizados nas nossas práticas didáticas.

### ***Oficina Cinema, Educação e Direitos Humanos em Brasília/DF***

O encontro ocorreu no dia vinte e quatro de setembro de 2024, período noturno, em uma sala do espaço de resistência do viver e cultura, Mercado Sul, Casa Cultural Canoa, em Taguatinga Sul, Distrito Federal.

Essa oficina foi produzida por alguns docentes do Instituto Federal, agora do campus Recanto das Emas. Em uma pequena sala, aproximadamente vinte pessoas sentadas com bastante proximidade tentando formar um círculo, grande parte dos participantes eram estudantes interessados em audiovisual, os dois mediadores iniciaram com a explicação do primeiro dispositivo para exercitarmos: uma adaptação

do já mencionado dispositivo Fotografias Narradas, mas agora com a descrição de Espaços Narrados.

Fomos divididos em duplas e cada participante descreveria para a outra um espaço da cidade que a marcou. Foi dada liberdade para sairmos da sala e contarmos sobre esse local, caminhada que virou uma memória para dividirmos. Logo depois do tempo estipulado para esse momento, voltaríamos para o círculo, apropriando a história da nossa dupla, em primeira pessoa para narrar para o coletivo sobre o espaço da cidade.

Pela proximidade da sala, por certa timidez dos participantes, e ou por parte dessas pessoas estarem compartilhando com amigos e ou conhecidos de um mesmo curso de formação, a dinâmica inicial não foi catártica quanto a que aconteceu na oficina em Goiânia. Ainda assim, os mediadores conseguiram em cada depoimento ir conectando as vivências e sentimentos de uma cidade com tantas disparidades arquitetônicas e sociais.

No mesmo dia, no grupo da oficina formado no whatsapp, a mediadora fez uma descrição muito pertinente sobre esse dispositivo de espaços narrados: assim fomos costurando vivências e impressões sobre a cidade, o outro, a coletividade, os fluxos, as experiências, os atravessamentos, os “eus” em constante construção.

O segundo dispositivo foi pedido para o próximo encontro, intitulado como “Espaço Cheio, Espaço Vazio”. Individualmente utilizando a câmera do smartphone, em um plano fixo, sem movimentar, gravamos durante um minuto, um mesmo espaço que transitamos do nosso cotidiano enquanto período vazio e gravar quando cheio, movimentado.

Esse dispositivo foi adaptado do Espaços Vazios (Pág. 54 Cadernos do Inventar) O que? Fotografar o interior de casas sem a presença de pessoas no quadro escolhido pela câmera. Por que? A casa de uma pessoa às vezes conta mais sobre ela do que seu próprio testemunho.

Refletindo sobre esse primeiro dia de oficina ter sido bem diferente do experienciado em Goiânia, lembrei algo descrito no Cadernos do Inventar, não podemos tratar essas metodologias como um regulamento, como normas para serem seguidas, os contextos mudam, os contrastes acontecem, os participantes são diferentes, são sentimentos, visões e escutas distintas sobre esses espaços e territórios. Como um docente em formação precisa entender esses processos que possibilitam readaptações das práticas docentes.

Os mediadores criaram uma pasta na plataforma Google com informações e arquivos do projeto inventar com a diferença, principalmente para os participantes incluírem seus dispositivos criados.

Nesse segundo dia de oficina, a maior parte do tempo foi utilizado para visualizarmos, criticarmos e refletirmos sobre as gravações dos dispositivos “Espaço Cheio, Espaço Vazio”. Os distintos trabalhos exibidos foram vídeos que aproveitaram um ponto de vista sobre os espaços externos da cidade.

A maioria dos participantes enviaram seus dispositivos, o que permitiu visualizar nessas criações, um mosaico com diversidade de imagens, movimentos, angulações, sons, aproximações e distanciamentos dentro dos espaços registrados pelos smartphones. Possibilitando ainda refletir sobre as presenças e ausências do território que passamos em nosso cotidiano, das interações e indiferenças pelos indivíduos durante essas gravações de diversas localidades do Distrito Federal.

Depois de conversarmos e debatermos sobre como foi produzir esses dispositivos, mesmo nesse tempo contemporâneo, que grande parte das pessoas utiliza os seus celulares para gravação, parar em um espaço público e colocar o aparelho em uma posição de captura de imagens, foi desafiador, por evidenciar olhares dos demais transeuntes, ao mesmo tempo que ampliava a curiosidade sobre o que estava sendo capturado por aquela pessoa.

Falamos sobre esses processos de escolhas do que ser capturado e comentamos sobre os resultados, dessa vez, comentando sobre o aspecto sonoro dessas gravações, sons urbanos que acabam gerando uma camada sonora, ampliando a atmosfera audiovisual do dispositivo.

Finalizando o encontro desse segundo dia, foi mostrado exemplos do dispositivo Filme-Haikai. (MIGLIORIN et al., 2022, p. 50) o que é? Realizar um filme em forma de haikai. Por que? O haikai é uma forma poética, originalmente japonesa, formada por dezessete sílabas, que chega ao cinema através do cinema do russo e um dos maiores teóricos sobre montagem cinematográfica, Serguei Eisenstein(1898-1948).

Último dia. Produzir audiovisual no período matinal da oficina, tivemos um tempo de 30 minutos para realizar o dispositivo “Volta no Quarteirão”, aproveitando o espaço do Mercado Sul como locação para esse olhar cinematográfico. Na publicação cadernos do inventar, está descrito sobre esse dispositivo: Fotografar uma volta no quarteirão da escola. Com o objetivo de documentar imagens do entorno da escola para além da percepção imediata do dia a dia. (MIGLIORIN et al., 2022, p.56).

Por ser um dia de sábado, o movimento intenso das vias próximas ao Mercado Sul, não estavam concorridos: o comércio local, os moradores do local e transeuntes passavam espaçados, músicas diversas e algumas conversas foram captadas pelos aparelhos.

O objetivo do dispositivo foi gravar em três planos no espaço do Mercado Sul e ainda captar um depoimento sobre o espaço, para ser finalizado juntos, imagem e som.

Depois do tempo disponibilizado para realização e envio, pudemos ver os vídeos dos dispositivos e conversar sobre o material realizado, foi muito importante por ter membros da comunidade do Mercado Sul participando da oficina, assim pudemos ter um momento de escuta, uma perspectiva sobre quem reside ou residiu naquele espaço de resistência cultural e de trabalho. O dispositivo possibilitou vínculos com um território marcado por tantas histórias.

Os mediadores abordaram como possibilitar práticas de direitos humanos no exercício de olhar para a realidade através dos dispositivos de criação propostos pelo

Inventar com a Diferença. Como podemos abordar os direitos humanos da forma mais singela possível, sem necessariamente nomeá-los, mas encontrando-os nas diferentes formas de ser e estar no mundo, nas múltiplas formas de ser humanos, na maneira com que construímos a nós mesmos através do encontro com a outro e em virtude desse encontro.

O encontro, o conjunto, o coletivo, o próprio ambiente, o espaço da sala de aula, demonstraram durante o período da oficina como podem e devem ser ativadores das metodologias que orientem o desempenho docente no sentido de como uma ação educativa seja exequível.

Seguido dessa imersão orientada pelos mediadores que tanto demonstraram as possibilidades de refletirmos criticamente sobre as possibilidades de construção e criação das imagens ou dos sons. Inserindo o audiovisual não são apenas como uma arte distante, de técnicas e estéticas, mas uma possibilidade ativa de conexão, desconexões e novos conectores entre professores e estudantes.

### ***Oficinas finalizadas.***

E qual a real motivação de fazer um relato sobre minha participação na Oficina Cinema, Educação e Direitos Humanos? Primeiro, considero uma jornada transformadora depois de mais de 18 horas de atividades em duas regiões diferentes, percebendo como diversidade de participantes de cursos tão distintos, estudantes, docentes em formação e formados, em grande maioria do próprio Instituto Federal, importante entender e praticar audiovisual de uma maneira a se pensar fora do aspecto técnico dos aparatos necessários para o produzir cinema.

O acessível uso do celular foi de extrema importância para a captura de imagens e sons, mas o contato do coletivo, as pessoas presentes, foi fundamental para demonstrar as tantas possibilidades do áudio e vídeo e das expressões artísticas.

Pondero, em sintonia com os autores com os quais foram conceituados no projeto, que não nos cabe determinar preliminarmente como uma ação educadora deve ocorrer. Nosso compromisso está em contribuir para a criação de metodologias e processos que possam inspirar outros educadores e educadoras, preservando a autonomia para definir suas práticas e construir suas próprias dinâmicas no campo da educação.

A construção de uma imagem também acontece pela nossa memória, sentimentos e afetos. A oralidade ao contar sobre um simples caminhar pelo quarteirão ou simplesmente ouvir e ver a imagem produzida pelo outro, que agora é próximo, por estar participando do mesmo espaço de ensino-aprendizagem, colocou o cinema como possível. E o dispositivo e suas inúmeras adaptações possibilitaram tantos pensamentos, a construção de um debate e pensamento crítico sobre e com a imagem e som.

E em segundo lugar, participar dessas oficinas que utilizam metodologias que conheci durante as pesquisas fomentadas nas matérias da EPT, orientados por estudos conectados pelo campo teórico da formação de um docente com minha

prática como realizador audiovisual. Esse entendimento com o passar dos semestres, nas pesquisas e extensão, possibilitou perceber o que é ser um professor.

A EPT também proporcionou conhecer a doutora em educação Mirian Celeste Martins, que comenta no podcast (2025) da Fundação Universidade de Caxias do Sul sobre como a arte é uma coleção de exemplos. Como a coletividade, a comunidade, o grupo estabelece e enaltece como essas possibilidades do fazer com as artes coletivas, do inventar com a dança, teatro e o cinema são artes coletivas, organizadas e produzidas como grupo. E insiro nessa fala como o audiovisual necessita do coletivo para existir.

Mirian descreve pela sua longa experiência lecionando, como diferente dos cursos em formação em Arte, onde os universitários já compreendem a importância da sensibilização pelas artes e cultura, os cursos de pedagogia o panorama seguem um outro contexto, os aspirantes a professor raramente tiveram uma vivência ou compreensão da arte e cultura (MARTINS, 2021, p. 4.).

A arte possibilita olhar o mundo e o nosso ao redor, a arte possibilita esses questionamentos (MARTINS,2017,p.10.). E seguindo esse pensamento da professora Mirian, consegui perceber como o próprio Instituto Federal mostrou essa perspectiva de ampliar o ensino da linguagem audiovisual, perpassando por elementos técnicos, com essa habilitação para lecionar na modalidade de ensino profissionalizante, oportunizou a completude da arte, seus aspectos estéticos, narrativos, simbólicos, culturais e educativos.

### ***Sobre a replicagem.***

Durante minha participação nas duas oficinas Cinema, Educação e Direitos Humanos soube sobre a possibilidade de mais uma etapa dessa experiência metodológica: replicar a oficina com este formato ou adaptando.

Já que a pedagogia do dispositivo e o inventar com a diferença construíram uma espécie de “método didático”, essa ampliação da experiência de criação com os dispositivos deve ser uma vontade e desejo dos participantes em levarem para novos espaços, comunidades, espaços formais e não-formais de ensino, especialmente por serem práticas democráticas e acessíveis.

Orientados e guiados por algumas perguntas para essa realização de replicagem. As perguntas guia são: Onde desejo realizar? Quantos dias de disponibilidade? Qual seria a estrutura necessária? Qual dispositivo você deseja realizar? Quais questões você gostaria de percorrer ?. Percebo que esses questionamentos, mesmo que respondidos superficialmente, orientaram e organizaram uma possibilidade pedagógica com os diversos dispositivos.

## **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A formação cultural esteve presente em todo o período formativo docente na EPT, onde busquei individualmente direcionar esse aprendizado para o

desenvolvimento profissional. No plano pedagógico do curso, somos orientados pela pesquisa como princípio educativo e a educação como experiência. Principalmente nas práticas integradoras conduzindo temas transversais da prática pedagógica, essas ações integradoras foram divididas ao longo dos semestres estimulando e contribuindo para minha construção crítica e reflexiva.

Ampliei minha conexão com conteúdos e práticas originadas pelas linguagens do áudio e vídeo, sempre instigado pelo conhecimento por meio de artigos, monografia e dissertações, hábito de leitura que criei durante esses últimos anos. Afirmando que obtive uma transformação profissional nesse período de licenciando, e agora poder ser um docente na área que tanto estimo, defendo e investigo: o audiovisual.

Fundamentalmente, o cinema se apresenta como uma experiência com o mundo, com o outro, com o conhecimento, através de imagens e narrativas. Receber um conteúdo com o cinema é inseparável de uma experimentação pessoal e coletiva desse conteúdo. Não por outro motivo, sempre foi importante para nós que a produção de imagens e sons estivesse na escola, e não somente a exibição de filmes (MIGLIORIN, 2015, p. 78).

Uma reflexão válida sobre os dispositivos de criações, possibilitadas pelos cadernos do inventar com a diferença, demonstra mesmo que em pequena escala, há importância de trabalharmos o audiovisual nas formações pedagógicas, possibilitando no antes, durante e depois do docente formado, também incorporar na sua didática a possibilidade da educação audiovisual não apenas como uma ferramenta de ensino-aprendizagem, mas sendo uma possibilidade criativa de trabalhar todo o processo de feitura de uma obra cinematográfica, ampliando processos criativos com olhar, ouvir e pesquisar com imagens e sons.

Sobre as possibilidades pedagógicas, as ações de formações com os dispositivos conseguem aproximar o estudante da realização audiovisual, possibilitando narrativas pessoais e do imaginário, deslocando a elaborada criação imagética de uma formalidade técnica cinematográfica que não é a realidade da maioria das escolas, quebras de modos elitizados da produção cinematográfica.

Ampliar o sentido de pertencimento, algo que a oficina Cinema, Educação e Direitos Humanos possibilitaram em poucos dias, com a prática dos dispositivos e suas inúmeras configurações de realização dentro de um ano letivo ou como parte da ementa de plano de curso, suas perspectivas pedagógicas são expandidas, viabilizando criações audiovisuais entre docentes e discentes ampliando os coletivos, conexões com a escola, comunidade e território.

Questiono brevemente, no âmbito da Pedagogia do Dispositivo, uma possível limitação relacionada as realizações que demandam interação. Embora a participação possa ocorrer de forma livre e mediada, alguns grupos ou indivíduos podem não desejar/necessitar de engajamento ativo nessas dinâmicas, podendo dificultar nessas abordagens o desenvolvimento e o acesso para as habilidades tecnológicas, sociais e emocionais.

Outro fator relevante diz respeito ao tempo reduzido destinado na formação continuada dos docentes efetivados e os em período formativo. Essa condição compromete a participação efetiva e a aprendizagem das dinâmicas pedagógicas,

essenciais para a compreensão e a aplicação adequada de metodologias educacionais.

Em relação aos dois pontos que já mencionei, uma demanda igualmente necessária é considerar o desafio da inclusão, especialmente no que se refere aos processos formativos voltados para as pessoas com deficiência, que possibilitem adaptações pedagógicas, acessibilidade e mediações específicas no uso dos dispositivos tecnológicos.

A pedagogia do dispositivo é para ser replicada, adaptada e ainda permitindo abordagens diferenciadas para os contextos. Percebo como é importante pensar a relevância de inserir os estudos sobre as possibilidades do audiovisual dentro da ementa da LEPT. Essa integração viabiliza uma conexão possível entre docentes e discentes. Esse tempo como licenciando organizou o meu saber sobre cinema e educação, entender como utilizar a didática sobre o fazer das dinâmicas audiovisuais, que agora sigo orientado pelos dispositivos pedagógicos, a pedagogia do dispositivo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996 (17/12/24)

BRASIL. **Lei n. 9.424**, de 24 de dezembro de 1996.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink Cinead-Lise-FE/UFRJ, 2008

ELLSWORTH, E. **Modos de endereçamento: uma coisa de cinema**; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. (Org.). Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, p. 7-76, 2001.

NORMALIZA IFB — **Manual de Normalização de Trabalhos Acadêmicos**. Introdução. IFB, 18/06/2025. Disponível em: <https://normaliza.ifb.edu.br/doku.php?id=introducao>

**Normas da ABNT**: quais as principais, formatação. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/normas-da-abnt.htm>. Acesso em 14/12/24

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: Acesso em 14/12/24.

GROLLMUS, Nicholas S.; TARRES, Joan P. Relatos metodológicos: difractando experiências narrativas de investigación. **Fórum Qualitative Social Research**, v. 16, n. 2, mayo 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Particular/Downloads/2207-9561-1-PB%20(1).pdf>. Acesso em 14/12/24

MARTINS, Mírian Celeste; OLIVEIRA, Edson de. **De ponta-cabeça**. 2022. Disponível em: <https://file:///C:/Users/wd/Downloads/edsondeoliveira,+02.+De+ponta-cabeça.pdf>  
Acesso em 16/10/2025

MARTINS, Mirian Celeste; BONCI, Estela Maria Oliveira; MOMOLI, Daniel (orgs.). **Formação de educadores: modos de pensar e provocar encontros com a arte e a mediação cultural**. São Paulo: Terracota, 2017. Acesso em 10/10/25.

MIGLIORIN, C. (Org.) ; BARROSO, E. I. (Org.) ; RESENDE, D. (Org.) ; CID, Viviane C. (Org.) . **Modos de fazer e experimentar: cinema e educação**. 1. ed. RIO DE JANEIRO: Áspide, 2022. v. 1. 156p.

MIGLIORIN, C, et al. **Pedagogia do dispositivo, inventar com a diferença**. In: Cadernos do Inventar, cinema, educação e direitos humanos. Niterói( RJ).EDG 2016.

RAMOS, Ana Bárbara; BARQUETE, Felipe Leal; PIPANO, Isaac. A pedagogia dos dispositivos: um método para a Educação Audiovisual. **Educação Audiovisual / Semente**, 6 maio 2021. Disponível em: <https://educacaoaudiovisual.com.br/a-pedagogia-do-dispositivo-um-metodo-para-a-educacao-audiovisual/>  
Acesso em: 10/06/2025

MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá**. Azougue Editorial, 2015.

NOGUEIRA, M. A. **A formação cultural de professores ou a arte da fuga – 15 anos depois**.In: III SIMPÓSIO INTERNACIONAL FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM ARTE E PEDAGOGIA, 197. 2017, São Paulo, SP. Acesso em 15/10/2024

SOUZA FILHO, L. A. de; CABRAL, L. F. E.; REZENDE FILHO, L. A. C. Relato de uma proposta de produção audiovisual por estudantes da educação básica durante a prática de ensino. **Ciência em Tela**, Rio de Janeiro, v. 14, 2021. Disponível em: <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/14sa2.pdf>

IFRO Campus Porto Velho Zona Norte - EaD Título do Vídeo Podcast 442024 - **Práticas colaborativas de Estudos em Grupo V - Como podemos definir a Pedagogia do dispositivo?** Plataforma YOUTUBE Acesso em 28 DE FEVEREIRO DE 2024 10 MINUTOS 14/12/2024 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sU6zpl4aHOM&t=161s>

Secretaria de Educação do Estado do Paraná, Educadores, **Entrevistas com Profissionais da Área Cinematográfica**. Disponível em: <http://www.filmes.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1103>  
Acesso em 17/12/24.

Secretaria de Educação do Estado do Paraná, Educadores, **Entrevistas com Profissionais da Área Cinematográfica**, Alain Bergala. Disponível em: <http://www.filmes.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1160>  
Acesso em 17/12/24.

**Nova Escola, Jornalismo, Todas as etapas do ensino** , Por Beatriz Vichessi 01/09/2012 Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/922/entrevista-com-alain-bergala> Acesso em 17/12/24.

Site **14º Mostra de Cinema de direitos Humanos, Oficinas**. Disponível em: <https://mostracinemaedireitoshumanos.mdh.gov.br/cidades/goiania/> Acesso em 14/12/24.

Site Podcast 442024 – **Como podemos definir a Pedagogia do dispositivo?** IFRO Campus Porto Velho Podcast [ou “Podcast (áudio)”]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sU6zpl4aHOM> Acesso em 10/10/24

Site UCS PLAY. **A importância da arte na educação** | Mirian Celeste Martins – UCS Play Podcast #69. [Vídeo]. UCS PLAY, 18 mar. 2025. Disponível em: <https://ucsplay.ucs.br/video/ucs-play-podcast-mirian-celeste-martins-a-importancia-da-arte-na-educacao/> Acesso em 10/10/25.